

Dialogismo e enunciação: Elementos para uma epistemologia da lingüística

Valdir FLORES*
UNIJUI

ABSTRACT: The author presents an interpretation of Bakhtin's ideas, emphasizing the concept of dialogism and its reference to the linguistic substratum. The conclusion is that the dichotomy between linguistics and metalinguistics suggests the hypothesis of an externality to linguistic sciences. Dialogism sifts through language, other discourses and the subject produced by interlocution.

RESUMO: O autor apresenta uma interpretação das idéias bakhtinianas com ênfase no conceito de dialogismo e sua pertinência ao substrato lingüístico. A conclusão é de que dicotomia entre o lingüístico e o metalingüístico leva à hipótese de uma exterioridade da ciência lingüística. O dialogismo atravessa a língua, outros discursos e o próprio sujeito dado pela alteridade da interlocução.

KEY WORDS: discourse analysis, genre analysis, enunciation, dialogism, Bakhtin.

PALAVRAS-CHAVE: análise do discurso, análise de gêneros, enunciação, dialogismo, Bakhtin.

INTRODUÇÃO

Este texto parte de um princípio: o da existência de algo que excede ao domínio da lingüística, mas que não deixa de estar implicado

* Doutor em Lingüística Aplicada. Professor de Lingüística da UNIJUI.

DIALOGISMO E ENUNCIÇÃO

na língua. Em outras palavras, o fato de uma determinada região do conhecimento poder se constituir sobre um recorte como forma de singularizar seu objeto, cuja consequência é a delimitação de um campo de conhecimento, não é argumento suficiente para negar a existência de uma exterioridade, inclusive, podendo ela mesma estar no interior desse recorte. Trata-se de uma discussão bastante familiar aqueles que já tiveram algum contato com teoria do conhecimento, ou seja, da contradição entre objeto real e objeto do conhecimento.

A lingüística, na linha saussuriana¹ enquanto um saber que se pretende científico, não escapa a essa contradição. A lingüística constitui-se como um domínio circunscrito somente a partir da célebre dicotomização língua/fala e da concepção de signo sobre as quais se singulariza o objeto de investigação. Uma consequência disso é a exclusão do interior do objeto de uma série de problemas que mesmo relacionados com ele nada dizem do ponto de vista do qual fala Saussure. O ponto de transbordamento da lingüística estrutural é o sujeito. Dele nada se diz porque ele não é um ponto de interrogação para a teoria. É o primado da máxima que afirma que “a lingüística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma” (Saussure, 1975, p.271).

Este trabalho é sobre esse ponto de transbordamento e é, especificamente, sobre o sujeito ser-de-linguagem que tentarei discorrer. Para isso, buscarei em uma teoria “externa”² à lingüística elementos para tratar do sujeito e de sua constituição, qual seja, a teoria dialógica de Bakhtin. Tal procedimento é bastante comum, atualmente. Um exemplo disso são os trabalhos de Authier-Revuz que recorre ao círculo de Bakhtin e à psicanálise freudo-lacaniana para tratar da relação entre duas formas de heterogeneidade (constitutiva e mostrada) para estudar a

¹ Com o sintagma “lingüística saussuriana” não quero apenas demarcar a perspectiva da qual falo, mas sublinhar que, de acordo com meus propósitos, outros paradigmas lingüísticos como os de linha funcionalista ou gerativista em nada auxiliam no tratamento da linguagem que procurarei defender. Isso significa, em outras palavras, que o termo “lingüística” será aqui utilizado com relação ao paradigma estrutural oriundo de Saussure.

² Ao recorrer à idéia de exterioridade penso que acrescento mais um argumento em prol da demarcação do objeto da ciência. Assim, considerarei equivocada toda a interpretação que atribuir ao termo “exterioridade” um valor semântico sinonímico de “não-pertinência”, pois demarcar a exterioridade de uma área do saber não implica na ingênua postura de excluí-la do fato a ser estudado.

VALDIR FLORES

presença do “outro” no discurso³.

De forma semelhante a Authier-Revuz também buscarei na exterioridade uma maneira de ancorar a subjetividade na linguagem, tomando por princípio que estudar o sujeito transcende uma lingüística “stricto sensu”. Isso quer dizer que procuro a configuração desse excedente e o sentido que lhe é atribuído no quadro de uma teoria dialógica da enunciação bem como a relação que mantém com a lingüística

A TEORIA DO DIALOGISMO

Estudar o dialogismo em Bakhtin é uma tarefa difícil em função da amplitude de suas idéias, da discussão em torno da autoria atribuída a textos assinados com nomes de outros integrantes do círculo de Bakhtin, do desconhecimento que ainda se percebe da totalidade de seu pensamento e da diversidade de objetos de reflexão do autor. Inúmeras são as publicações atuais que, de formas diferentes e até contraditórias, recorrem a Bakhtin para tentar a validação de hipóteses extremamente díspares entre si. É possível encontrar as idéias bakhtinianas desde em trabalhos de semiótica⁴ dedicados ao estudo do cinema até em trabalhos de literatura cuja ênfase recai em questões estéticas dos textos literários. Entretanto, se esta diversidade sinaliza para uma diferença radical de abordagens também ratifica um postura frente à obra do autor, ou seja, a de que subjaz a todas as utilizações que se faz da teoria o princípio da intersubjetividade em que o sujeito se constitui frente ao outro em um processo de auto-reconhecimento pelo reconhecimento desse outro em um movimento de alteridade. Esse é, de certa forma, um princípio unificador que permeia toda a produção teórica em torno de Bakhtin.

Um procedimento interessante para estudar o dialogismo é o

³ Esse “outro” do qual fala Authier-Revuz é bem mais complexo do que sugere minha apresentação, entretanto, não tenho a intenção, nesse momento, de recuperar o trabalho da autora, tarefa esta bastante complexa já que existem substanciais alterações no encaminhamento teórico nos últimos textos de Authier, mas quero sublinhar seu procedimento em recorrer ao exterior da lingüística clássica para contemplar fenômenos que se, de um lado, lhes são exteriores, de outro lado, ao seu interior retornam porque se deixam entrever pela ordem do dizer.

⁴ Ver: STAM, Robert. Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa. São Paulo: Ática, 1992.

DIALOGISMO E ENUNCIÇÃO

assumido por Authier-Revuz (1982), o qual está centrado na elucidação do paradigma que, segundo a autora, atravessaria os diversos domínios abordados por Bakhtin, ou seja, “o lugar dado ao outro dentro da perspectiva dialógica, mas um outro que não é nem o duplo de um face a face, nem mesmo o ‘diferente’, mas sim um outro que atravessa constitutivamente o um. Este é o princípio fundador — ou que deveria ser considerado como tal — da subjetividade, da crítica literária, das ciências humanas em geral, Tc...” (Authier-Revuz, 1982, p. 103) Authier soma a essa postura a interpretação lacaniana da psicanálise com a finalidade de viabilizar sua intenção de articular uma teoria da heterogeneidade da palavra com uma teoria da descentralização do sujeito como efeito de linguagem.

Outra forma de pensar o dialogismo⁵ é sugerida por Martins (1990). Conforme a autora, a comunicação, entendida como uma relação de alteridade, em que o *eu* se constitui pelo reconhecimento do *tu*, isto é, em que o reconhecimento de si se dá pelo reconhecimento do outro, “fundamenta sua investigação (de Bakhtin) em quase todas as áreas em que desenvolve alguma reflexão: teoria do conhecimento, teoria e história do romance, filosofia da linguagem, etc.” (Martins, 1990, p.18). No entendimento de Martins, a cada uma dessas áreas corresponderia, respectivamente, uma reflexão: a teoria do conhecimento seria contemplada pela noção de intertextualidade; a teoria do romance no conceito de polifonia e a filosofia da linguagem no estudo da enunciação.

Apesar de acreditar que as duas sugestões são válidas e suficientemente amplas para dar conta do dialogismo como princípio geral da teoria bakhtiniana, opto por um procedimento próprio para abordar a questão. Minha escolha é produto do objetivo que tenho com esta incursão teórica, qual seja, *o de clarear o conceito de dialogismo enquanto uma reflexão que, situada fora dos domínios da lingüística — inclusive com posições, muitas vezes, críticas em relação a ela — contempla aquilo que a lingüística supõe ser uma exterioridade, mas que só na língua tem existência, isto é, o sujeito*. Assim, meu problema não é apenas elucidar conceitos como os de “polifonia”, “heteroglossia”,

⁵ Há grandes diferenças entre as duas autoras. Enquanto que a primeira, explicitamente, recorre à teoria psicanalítica para validar suas hipóteses, a segunda não contempla esse nível. Entretanto, em ambas percebe-se uma leitura similar do conjunto da obra de Bakhtin, além do fato de que também situam-se na problemática da enunciação.

VALDIR FLORES

“pluriacentuação”, entre outros, mas vê-los submetidos ao princípio do dialogismo, assim como a noção de sujeito subjacente a eles. Desse prisma, será possível perceber em que sentido a crítica feita por Bakhtin à lingüística pode ser a ela incorporada.

Não penso, portanto, em ignorar a polêmica em torno da autoria dos textos, já que o ponto de vista que, eventualmente, venha a ser assumido com respeito a essa questão é definidor de uma série de problemas e, principalmente, da relação entre o que Bakhtin denomina de *metalingüística* e a lingüística clássica. Ora, a metalingüística é estranha à lingüística ou pode ser com ela articulada?

Com esse intuito e para evitar generalismos, afirmo que o eixo dialogismo-sujeito-enunciação será o norteador da presente investigação. Resta ainda dizer, que as autoras antes referidas contemplam esse eixo sem explorarem-no com o interesse que imprimo nesta retomada do pensamento de Bakhtin, e que reconheço os trabalhos de Authier-Revuz e Martins, respeitadas suas especificidades, como fontes para a leitura que passo a apresentar.

Da lingüística à metalingüística

O princípio geral do dialogismo é formulado em vários livros, possibilitando, portanto, uma abordagem em bloco. Porém, de toda a obra de Bakhtin alguns textos chamam a atenção pela diversidade de idéias que apresentam quando confrontados em torno da interrogação de qual a realidade deve ser estudada por uma teoria da linguagem. A questão que norteará meu estudo, neste item, pode ser formulada da seguinte maneira: *qual a realidade lingüística passível de ser analisada teoricamente e qual a relação que mantém com a lingüística?*

Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem (1988)*, Bakhtin (Voloschinov)⁶ afirma que o signo é um produto ideológico que reflete e

⁶ Este livro é publicado, em 1929, sob o nome de Voloschinov. Segundo Clark & Holquist (1984), os livros assinados por Voloschinov a respeito da lingüística, de Freud e da teoria literária devem ser atribuídos a Bakhtin. Para eles, os textos disputados foram escritos por Bakhtin e, na tentativa de confirmar isso, os autores apresentam várias evidências, tais como: depoimentos de pessoas próximas a Bakhtin, avaliação da metalinguagem utilizada no livro (principalmente a marxista) e análise do momento histórico de sua publicação. No encontro disso está a apresentação feita por Marina Yaguelo na publicação francesa do livro (na qual baseia-se a tradução brasileira) que afirma que “não há dúvidas quanto à paternidade de suas obras. O conteúdo se inscreve

DIALOGISMO E ENUNCIÇÃO

refrata uma realidade que lhe é exterior. Assim, enfatiza o valor semiótico inerente ao signo, exatamente, em função de sua constituição ideológica. Para ele “tudo que é ideológico possui um *significado* e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um *signo*. *Sem signos não existe ideologia*”. (p.31). O problema, aqui, é a diferença entre corpo físico e produto ideológico (signo). Um corpo físico tem uma realidade material, é um instrumento de produção, entretanto, essa realidade material quando é percebida como símbolo passa, também, a ser um produto ideológico, isto é, reflete e refrata uma outra realidade que não a material.

De suma importância para mim é a discussão desenvolvida no capítulo 4 do livro, em que Bakhtin (Voloschinov) apresenta as bases para uma filosofia marxista da linguagem, tomando por referência a crítica que faz a duas orientações do pensamento lingüístico-filosófico por ele denominadas, respectivamente, de *subjetivismo idealista e objetivismo abstrato*⁷.

Tal importância deve-se ao fato de que a Teoria da Enunciação, comumente atribuída a Bakhtin, é claramente exposta como um produto da crítica feita a essas posturas teóricas. Em função disso, darei um destaque especial a esse momento de *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, já que a partir dele se pode pensar um conceito de subjetividade diferente daquele apresentado em outras versões das Teorias da Enunciação, tais como Benveniste ou Ducrot.

Já no início deste capítulo o autor fala do objeto de sua reflexão ou daquilo que pensa ser o objeto da filosofia da linguagem, ou seja, a

perfeitamente na linha de suas publicações assinadas e, além disso, dispomos de testemunhos diretos”. Entretanto, considero prudente atentar para as observações feitas em Morson & Emerson (1989) os quais apresentam fortes argumentos para que, no mínimo, se reconheça uma co-autoria com Voloschinov e Medvedev. Aliás, saliento que a publicação do livro em inglês é acompanhada da assinatura dos três autores.

Estas observações adquirirão maior sentido no decorrer de minha reflexão, principalmente, quando da contraposição deste livro com *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Porém, sublinho, desde já, que nos casos de polêmica em torno da questão da autoria opto por usar o nome de Bakhtin para referir às obras, mantendo entre parêntese o nome do outro autor, objeto da polêmica.

⁷ É comum, na bibliografia sobre Bakhtin, a reprodução dessa crítica na íntegra, entretanto, como meu objetivo, nesse momento, apenas exige que se estabeleça aquilo que o autor entende ser uma teoria da linguagem e como tomo por ponto de partida a lingüística saussuriana, estarei limitado apenas à primeira crítica que é, diretamente, dirigida a Saussure.

VALDIR FLORES

própria linguagem. Afirma que, dadas as particularidades desse objeto, a sua determinação empírica é, geralmente, atribuída à configuração sonora da linguagem. Na opinião de Bakhtin (Voloschinov), proporcionalmente, as “seduções do empirismo fonético superficial” em nada acrescentam ao estudo da natureza real da linguagem enquanto código ideológico⁸. Tratar a linguagem como fenômeno acústico, de produção de sons ou como atividade mental não compete ao estudo da essência da linguagem, mas a diferentes áreas como a física, a fisiologia e a psicologia sem que, necessariamente, estejam relacionadas⁹. Bakhtin (Voloschinov) chega a criar uma imagem trágica dessas abordagens, dizendo que o que fazem é “privado de alma”. Para ele, somente dentro de uma realidade social em que estejam situados o emissor, o receptor e o próprio som é que se pode pensar a linguagem,

“portanto, a unicidade do meio social e a do contexto social imediato são condições absolutamente indispensáveis para o complexo físico-psíquico-fisiológico (...) possa ser vinculado à língua e à fala, possa tornar-se um fato de linguagem. Dois organismos biológicos, postos em presença num meio puramente natural, não produzirão um ato de fala” (Bakhtin, 1988: 70-71).

A orientação denominada de *objetivismo abstrato* remete a

⁸ Na certa Bakhtin (Voloschinov) se refere aqui à teoria fonética em seu estágio inicial, fortemente influenciada pelo estruturalismo saussuriano cujo estudo estava restrito às possibilidades articulatórias e acústicas dentro do sistema lingüístico. Os trabalhos que realmente revolucionaram o estudo fonético/fonológico foram desenvolvidos por Jakobson em data posterior à publicação de *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Cabe, portanto, a observação de que Jakobson, embora não tenha comprometimento teórico com o materialismo dialético, propõe uma análise da substância fônica com referência à substância semântica dentro de uma perspectiva que se pode chamar de pré-enunciativa (a exemplo do esquema informacional).

⁹ Nesse ponto, concordamos com Bakhtin (Voloschinov) e, principalmente, com a questão da atividade mental. Hoje é comum o estudo da capacidade lingüística ligada à cognição dentro do que se convencionou chamar Lingüística Gerativa, oriunda do americano Noam Chomsky, e a ela, sem dúvida, é possível estender a crítica de Bakhtin (Voloschinov). Em minha opinião, o estudo da capacidade de um “falante ouvinte ideal” tem menos de preocupação lingüística e mais de preocupação cognitiva.

Para um excelente texto que aplica a crítica bakhtiniana ao gerativismo em um contexto que também contempla as reflexões de Stalin ver (especialmente o capítulo 4 “Linguagem, língua e poder”): VOGT, C. *Linguagem Pragmática e Ideologia*. Campinas: HUCITEC, 1980.

DIALOGISMO E ENUNCIÇÃO

Saussure e, segundo Bakhtin (Voloschinov), a ela interessa o sistema de regularidades fonéticas, gramaticais e lexicais da língua que têm a função de garantir a unidade da língua. O objetivismo abstrato só admite o ato individual de criação quando ligado a um sistema lingüístico imutável, em um dado momento histórico, e supra-individual. As leis desse sistema obedecem ao princípio da imanência. Existe, pois, “um fosso que separa a história do sistema lingüístico em questão da abordagem não histórica, sincrônica” (p.79). Trata-se de uma noção de língua que considera a convencionalidade e arbitrariedade do sistema lingüístico sem referência do signo à realidade ou ao indivíduo, o que interessa é a relação entre os signos, dentro do sistema do qual se deve explicar a lógica interna.

Bakhtin (Voloschinov) termina este capítulo indagando pela verdadeira realidade lingüística e inicia o capítulo seguinte com uma crítica ao objetivismo abstrato como forma de reunir elementos para sua proposta. Quais são, pois, os argumentos reunidos para isso?

Em primeiro lugar, Bakhtin (Voloschinov) critica a noção de sistema de normas imutáveis. O objetivismo abstrato ao afirmar que o sistema lingüístico constitui um fato externo à consciência individual também afirma que é para a consciência individual que faz sentido falar de sistema de regras imutáveis. Entretanto, para Bakhtin (Voloschinov), “se fizermos abstração da consciência individual subjetiva e lançarmos um olhar verdadeiramente objetivo (...) não encontraremos nenhum indício de um sistema de normas imutáveis” (p. 90). Na verdade, o autor está criticando a concepção sincrônica de estudo da língua, negando-se a admitir um momento de descrição atemporal: “o sistema sincrônico da língua só existe do ponto de vista da consciência subjetiva do locutor de uma dada comunidade lingüística em um dado momento da história” (p. 91). Na sua perspectiva, o objetivismo abstrato não percebe essa relação entre o sistema e a consciência individual, tendendo a afirmar a realidade e a objetividade imediatas da língua como sistema de formas normativas.

Bakhtin (Voloschinov) vai mais longe em sua crítica ao acrescentar que a consciência subjetiva do locutor não se utiliza desse sistema, legando-lhe o estigma de ser apenas uma abstração, “Tal sistema é uma mera abstração, produzida com dificuldade por procedimentos cognitivos bem determinados” (p.92)¹⁰. A proposta do

¹⁰ Em minha opinião, o sentido dado à descrição sincrônica em Saussure é perfeitamente

VALDIR FLORES

filósofo é ver a língua imersa na realidade enunciativa concreta, servindo aos propósitos comunicacionais do locutor. Não importa a forma lingüística invariável, mas sua função em um dado contexto.

Essa concepção conduz Bakhtin (Voloschinov) a uma direção oposta da identificada no objetivismo abstrato. A palavra (termo equivalente, algumas vezes, à linguagem no contexto bakhtiniano) em estado de dicionário não é uma realidade da qual o falante se vale para os seus propósitos comunicacionais:

“na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc.” (Bakhtin, 1988:95).

Assim, toda a enunciação está impregnada de um conteúdo ideológico e a separação, mesmo que apenas no plano teórico, entre a língua e seu conteúdo ideológico não se justifica visto que não encontra bases teórica e empírica precisas.

O autor afirma que o tributo da lingüística para com a filologia confinou a análise da linguagem em um arcaísmo monológico. Com isso, quer chamar a atenção para um dos grandes equívocos do objetivismo abstrato, isto é, a crença de que é possível estudar a língua a partir de métodos e categorias que não contemplam a atividade dialógica.

Resumidamente, diria que Bakhtin (Voloschinov) critica o privilégio da descrição formal, estática e normativa sobre o mutável; a desvinculação da palavra do contexto histórico real de utilização; o estudo das enunciações monológicas isoladas de maneira imanente e a descrição sincrônica desligada da evolução da língua. Por isso, Bakhtin (Voloschinov) concebe a enunciação como um produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados mesmo que o interlocutor seja uma virtualidade representativa da comunidade na qual está inserido o

coeso com o sistema conceitual do *Curso de Lingüística Geral*. Nele, a noção de generalidade é que pauta toda a investigação lingüística, ou seja, nesses termos, os fatos diacrônicos estão na língua, mas nada têm de geral e é por isso que Saussure não privilegia a descrição diacrônica. Acrescente-se a isso o fato de que Bakhtin (Voloschinov) critica a ausência de historicidade na noção estruturalista de Saussure, porém, o que entende por história não é o que Saussure entende por diacrônico, assim, não vejo grande pertinência no procedimento adotado por Bakhtin (Voloschinov).

Uma leitura semelhante poderá ser encontrada em: MARTINS, E. *Enunciação e Diálogo*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

DIALOGISMO E ENUNCIÇÃO

locutor e propõe, dessa forma, a idéia de interação verbal realizada através da enunciação. A unidade fundamental da língua passa, assim, a ser o diálogo, entendido não somente no sentido aritmético do termo, mas como toda a comunicação verbal, independentemente, do tipo.

Resta ainda falar de um problema de especial interesse para os propósitos deste trabalho em função do lugar atribuído à lingüística, ou seja, trata-se da diferença entre tema e significação.

Bakhtin (Voloschinov) concebe esses dois níveis de significação dialeticamente articulados. O tema é “o sentido da enunciação completa” (p. 128), é único, individual, não reiterável, “Ele se apresenta como a expressão de uma situação histórica concreta que deu origem à enunciação” (p. 128). Para contemplar o tema não basta a análise morfológica ou sintática, mas também dos elementos verbais da situação. A significação é “os elementos da enunciação que são reiteráveis e idênticos cada vez que são repetidos” (p.129). Os elementos que entram em sua constituição são abstratos, convencionalmente definidos e sem existência concreta. Em resumo:

“o tema é um sistema de signos dinâmico e complexo, que procura adaptar-se adequadamente às condições de um dado momento da evolução. O tema é uma reação da consciência em devir ao ser em devir. A significação é uma aparato técnico para a realização do tema” (Bakhtin, 1988:129).

Gostaria de chamar a atenção para o tipo de discussão desenvolvida por Bakhtin (Voloschinov) na seqüência dessa reflexão. Segundo ele, “a multiplicidade das significações é o índice que faz de uma palavra uma palavra” (p.130). O que quer dizer com isso? Como articular essa definição semântica com a idéia de significação constituída por elementos abstratos?

Em resposta a tais questões, diria que Bakhtin (Voloschinov) considera a significação enquanto uma virtualidade: “a significação não quer dizer nada em si mesma, ela é apenas *um potencial*, uma possibilidade de significar no interior de um tema concreto” (p.131)[grifo meu]. Com isso, o filósofo pensa poder criticar antigas dicotomias que, embora tentem dar conta da configuração semântica “usual e ocasional” da palavra (a exemplo da clássica distinção entre sentido denotado e sentido conotado) são infundadas na realidade da linguagem.

VALDIR FLORES

Sinteticamente, pode-se dizer que Bakhtin (Voloschinov) faz o seguinte percurso: concebe o diálogo como a unidade real da linguagem, entretanto, o diálogo é o produto da relação de alteridade existente entre duas consciências socialmente organizadas. Assim, para que o locutor se apresente enquanto tal é necessário que já seja uma consciência que se reconhece no outro: “aquele que apreende a enunciação de outrem não é um ser mudo, privado da palavra, mas ao contrário um ser cheio de palavras interiores” (p. 147). Dessa forma, Bakhtin (Voloschinov) une sua concepção de diálogo à de natureza ideológica, semiótica e lingüística da consciência, “a palavra vai à palavra” (p. 147).

A distinção entre tema e significação, sugere dúvidas quanto à sua coesão com o resto do livro. Ora, é difícil imaginar um nível de análise do sentido, no contexto teórico de Bakhtin (Voloschinov), que seja abstrato (como é o caso da significação), reiterável e idêntico. Não é exatamente essa abstração que o leva a criticar o objetivismo abstrato? Na mesma linha de raciocínio pondero: se o sentido de uma enunciação deve sempre ser apreendido no quadro real da situação social na qual está inserida e na interação verbal, como admitir um sentido que é claramente apriorístico? Existiria, mesmo que de forma incipiente, um sentido literal na linguagem?

Em uma primeira interpretação diria que a coesão dessas noções com a teoria de bakhtiniana é dada pela relação dialética que constitui a articulação significação/tema. Entretanto, ainda não estou convencido que tal possibilidade diminua o custo teórico que tem o filósofo em manter um nível semântico abstrato.

Na seqüência da exposição das idéias de Bakhtin a fim de buscar o proposto no início deste item, passarei, pois, a trabalhar com outro texto, este sim conferido unanimemente a Bakhtin, qual seja, *Problemas da Poética de Dostoiévski*¹¹ e que, como será visto, está, no mínimo, em dissidência com *Marxismo e Filosofia da Linguagem* quanto à relação entre lingüística e metalingüística.

Neste livro, Bakhtin diz que seu objeto pertence à

¹¹ Segundo Clark & Holquist (1984) sua primeira publicação é datada de 1929 sob o título *Dostoiévsky's Creative Works* (contemporâneo de *Marxismo e Filosofia da Linguagem*). Em português recebeu o título correspondente à segunda edição datada de 1963 que, de acordo com os biógrafos do autor, é considerada a melhor edição por Bakhtin.

DIALOGISMO E ENUNCIÇÃO

metalingüística¹² a qual, diferentemente da lingüística, trata do fenômeno do discurso em uma perspectiva que o considera na realidade concreta e viva. Ao contrário do que se poderia supor (apressadamente), Bakhtin não desconsidera o estudo lingüístico clássico (em uma remissão clara a Saussure), mas adverte que o seu ponto de vista (o de Bakhtin) é diferente porque não é baseado em um objeto abstrato construído. Segundo ele, “as pesquisas metalingüísticas, evidentemente, *não podem ignorar a lingüística* e devem aplicar os seus resultados (...) devem (as pesquisas) completar-se mutuamente e não fundir-se” (p. 157)[grifo meu].

Para o autor, as relações dialógicas é que singularizam o romance (e em especial o de Dostoiévski) polifônico em relação aos demais. Entretanto, esta diferença não é da ordem do lingüístico “stricto sensu” mas da metalingüística, porque, embora as relações pertençam ao campo do discurso, não se reduzem à sua forma lingüística. Não pode haver relação de diálogo em um objeto abstrato (a língua), nem mesmo entre textos que sejam analisados apenas sob o prisma do lingüístico, já que a transcendência do diálogo releva de aspectos contextuais não contemplados pela teoria lingüística.

No entanto, as relações dialógicas não podem ser separadas da língua como fenômeno integral e concreto. Bakhtin introduz aqui a idéia de comunicação dialógica, dizendo que “a linguagem vive na comunicação dialógica daqueles que a usam” (p. 158). Tal concepção é básica para o autor, pois a partir dela é construída uma argumentação que evita a redução do diálogo à descrição lógico-semântica. Ora, por um lado, as regularidades lógicas são fundamentais para as relações dialógicas (pois tudo que é dito possui uma regularidade interna), mas, por outro lado, não se reduzem a elas dada sua especificidade. A condição para que as relações lógico-semânticas se tornem dialógicas é que sejam materializadas em discurso (enunciado) e assumidas por um autor do qual as regularidades expressam uma posição.

Soma-se ao exposto, as idéias encontradas no livro *Gêneros do discurso*¹³ que, segundo Todorov (na introdução à publicação brasileira),

¹² Clark & Holquist (1984) preferem o termo “translingüística” em função da banalização do sufixo “meta” no ocidente. Acredito que tanto um termo como outro sugere que se veja em Bakhtin uma teoria da linguagem que transcende a análise imanente. Em função disso, optei por conservar o termo sugerido por Bakhtin.

¹³ Editado originalmente sob este título, foi escrito entre os anos de 1952 e 1953. A

VALDIR FLORES

“é algo como uma síntese das idéias lingüísticas de Bakhtin nos anos vinte” (p.21). Na sua leitura, é possível reconhecer um Bakhtin bastante próximo daquele que escreveu *Problemas da Poética de Dostoiévski*, e isso pode ser comprovado através de várias evidências comuns aos dois livros, tais como: o reconhecimento da legitimidade da lingüística saussuriana, a concepção de um nível abstrato de significação, a preocupação com as questões de estilo, entre outras. Isso leva a crer que, realmente, existe uma notória diferença entre o que é apresentado em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, em *O Freudianismo* e em *O Discurso na Vida e o Discurso na Arte*¹⁴, e os conceitos elaborados nesse livro, motivo pelo qual julgo extremamente pertinente a referência biográfica, ao menos no que tange à elucidação do sistema teórico do autor, como forma de distinguir o pensamento de Bakhtin daquele do Círculo de Bakhtin.

Os gêneros do discurso são discutidos à luz de uma concepção de enunciado como possibilidade de utilização da língua. O percurso feito por Bakhtin é, basicamente, este: a ação humana está, diretamente, ligada à utilização da língua. Como essa ação emana de determinadas esferas da atividade humana, a utilização da língua, conseqüentemente, reflete as condições e finalidades de cada uma. Esse reflexo é perceptível no conteúdo temático, no estilo e na construção composicional do enunciado. A fusão desses três elementos no enunciado em uma dada esfera determina *tipos relativamente estáveis de enunciados*, ou seja, *os gêneros do discurso*.

Bakhtin é levado a se perguntar sobre a base comum dos gêneros do discurso, porque, com o que acabei de expor no parágrafo precedente, se pode duvidar que exista algo em comum entre eles, já que cada um é oriundo de esferas diferentes da atividade humana, ou em outras palavras, o que há de comum entre uma carta e um romance de

publicação brasileira integra o livro *Estética da Criação Verbal* (1992).

¹⁴ Esses dois últimos livros, não serão tratados em especial, nesta parte, no entanto, saliento que ambos são alvo das mesmas polêmicas estabelecidas em torno de *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. A opinião de Clark & Holquist já foi apresentada na nota 6, entretanto, remeto a Emerson & Morson (1989), no capítulo “The disputed texts”, que questionam, com muita propriedade, os argumentos de Clark & Holquist.

A publicação desses livros a que tive acesso encontra-se assinada por Voloschinov da qual retirei a seguinte referência bibliográfica: VOLOSCHINOV. *Freudianism: a marxist critique*. Academic Press, New York, 1979. Em apêndice está “Discourse in Life and Discourse in Art”.

DIALOGISMO E ENUNCIACÃO

Dostoiévski?

Para resolver esta questão, Bakhtin opera uma distinção entre gêneros primários (simples) e gêneros secundários (complexos) a fim de dar conta da natureza do enunciado que, segundo ele, constituiria os gêneros. Pois bem, eis a distinção: gênero secundário é aquele cujos enunciados aparecem em uma circunstância de comunicação cultural complexa e mais evoluída (é o caso do romance); gênero primário é aquele cujos enunciados constituem o anterior, conservando sua forma, mas adquirindo um conteúdo no conjunto (é o caso da carta dentro de um romance), ou seja:

“O romance em seu todo é um enunciado, da mesma forma que a réplica do diálogo cotidiano ou a carta pessoal (são fenômenos da mesma natureza); o que diferencia o romance é ser um enunciado secundário (complexo)” (Bakhtin, 1992:281).

O contraponto de Bakhtin é, nesse texto, a exemplo dos demais, a estilística. Desse ponto de vista, o autor vai propor o estudo do estilo não mais em termos de oposição entre gênero e estilo, mas em termos de interação, isto é, as mudanças do estilo são inseparáveis das mudanças nos gêneros. Não voltarei mais a tratar da questão estilística, em função de que sua exposição alargaria em muito os objetivos deste estudo, porém, tomo como pressuposta esta problemática (fundamental em Bakhtin) para discutir a concepção de língua que subjaz à noção de enunciado como unidade da comunicação verbal.

Esse problema é, explicitamente, estudado na segunda parte do livro. Nele, Bakhtin elabora uma severa crítica à lingüística do século XIX em função da supremacia concedida ao locutor, minimizando o papel do outro (de forma ativa) na produção do enunciado. Acredito que esta crítica pode ser estendida à lingüística do século XX, porque, na teoria da comunicação de Jakobson, também se pode verificar isso.

Gostaria de ressaltar três pontos da teoria de Bakhtin que, em minha opinião, são os fundamentos tanto da crítica feita quanto da proposta elaborada, são eles: a atitude responsiva ativa, a compreensão responsiva ativa e a oposição oração/enunciado. Entretanto, nesse momento, só tratarei do último, deixando para, em um momento posterior, fazer referência aos dois primeiros.

A oposição oração/enunciado é colocada da seguinte forma: a oração é uma unidade da língua e como tal não possui existência real,

VALDIR FLORES

entretanto, isso não impede que tenha um valor semântico (a significação); o enunciado é uma unidade da comunicação verbal que somente tem existência em um determinado momento histórico, porém, sua constituição não exclui a oração. O enunciado é, exatamente, a realização enunciativa da oração. O valor semântico do enunciado, por sua vez, é o sentido. A oração é neutra em relação a todo o conteúdo ideológico, sua estrutura é de natureza gramatical; já o enunciado não é neutro, seu conteúdo veicula determinadas posições devido às esferas em que se realiza. Existe um outro elemento que distingue a oração do enunciado, qual seja, o enunciado o qual implica referência ao sujeito, enquanto que a oração não. Pode-se elencar critérios para se identificar um enunciado, são eles: a alternância de sujeitos, o acabamento e a relação do enunciado com o próprio locutor e com os outros parceiros da comunicação verbal.

Ainda como forma de encaminhar os objetivos deste trabalho, gostaria de lembrar o livro *O Problema do Texto*¹⁵ em que o autor, a exemplo de outros livros seus, admite que a um texto sempre subjaz um sistema convencional (a língua) que garante a compreensão pelos integrantes de uma determinada comunidade. Porém isso não deve levar a crer que Bakhtin trata desse sistema. Seu objeto é antes, a individualidade, pois o sistema não pode contemplar o irrepetível. O sistema é o repetível, o diálogo é o irrepetível. Pode-se perceber que, nessa atitude, se unem as noções desenvolvidas no livro *Os Gêneros do Discurso* sobre a oração e o enunciado. A oração pertence ao sistema, à língua. O enunciado é da ordem do dialógico, do irrepetível.

Finalmente, em *O Discurso no Romance*¹⁶, Bakhtin elabora uma crítica à lingüística e filosofia da linguagem que, ao postularem uma relação simples do locutor consigo mesmo e para com “sua língua”, concebem a língua e o indivíduo de forma monológica. Na minha

¹⁵ Escrito entre 1959 e 1961 e editado sob o título *O Problema do Texto* nas Áreas da Lingüística, da Filosofia, das Ciências Humanas. Tentativa de uma Análise Filosófica, integra a edição brasileira de *Estética da Criação Verbal* (cf. nota 14). Em francês, está colocado em anexo ao livro *Mikhail Bakhtin : le principe dialogique* de Tzvetan Todorov (1981)

¹⁶ Publicado em português em uma reunião (*Questões de Estética e Literatura*. São Paulo, 1988) e escrito entre 1934 e 1935, como o próprio título sugere é bastante voltado para questões estilístico-literárias. Seu objetivo é eliminar a distância entre o formalismo e o ideologismo no estudo do texto literário. É neste livro que estão formulados importantes conceitos como: fenômenos pluriestilístico, plurivocal e plurilíngua.

DIALOGISMO E ENUNCIÇÃO

opinião (e isto é suficientemente claro, neste livro) o problema está no reconhecimento das forças centrípedas e centrífugas da língua. Em relação às primeiras tem-se a centralização em uma linguagem composta por normas lingüísticas, em relação às segundas tem-se os processos de desunificação e descentralização. A cada manifestação verbal do sujeito são aplicadas as forças centrípedas e centrífugas.

Embora a leitura que acabei de expor pareça suficientemente clara, já que é feita sobre as diferenças entre os textos, a seguir tentarei sistematizar a leitura que fiz dos livros como forma de formular a idéia de que a “exterioridade” da lingüística é, na verdade, constitutiva da linguagem, portanto, ao objeto da lingüística retorna pela ordem do dizer.

Da metalingüística e da lingüística

Acredito que é possível, agora, reunir elementos para fundamentar meu questionamento em torno do distanciamento entre algumas concepções no interior das obras comumente remetidas a Bakhtin para, assim, falar da relação entre lingüística e metalingüística.

Se, de um lado, cabe afirmar que Bakhtin sempre tem uma postura contestadora sobre a lingüística clássica e isso poderia ser um princípio unificador entre os livros citados, de outro lado, é possível perceber que os termos dessa contestação são diferentes. Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* o que se tem não é apenas uma crítica ao objetivismo abstrato, mas uma negação do paradigma estruturalista como uma forma de estudar a língua. Isso fica evidente quando da proposta de substituir tal abordagem pela idéia de interação verbal a qual, por sua vez, contemplaria a língua em sua realidade, ou seja, o diálogo. Ou ainda segundo as palavras do próprio autor:

“A língua, como sistema de formas que remetem a uma norma, não passa de uma abstração, que só pode ser demonstrada no plano teórico e prático do ponto de vista do deciframento de uma língua morta e do seu ensino. Esse sistema não pode servir de base para a compreensão e explicação dos fatos lingüísticos enquanto fatos vivos e em evolução” (Bakhtin: 1988:108).

Nessa perspectiva e tomando apenas *Marxismo e Filosofia da Linguagem* como referência a resposta para uma das perguntas que

VALDIR FLORES

apresentei antes, ou seja, sobre a articulação ou não da lingüística com a metalingüística, será negativa.

Já nos demais livros, embora a crítica esteja presente, nada conduz à desconsideração das idéias lingüísticas de Saussure. Em *Problemas da Poética de Dostoiévski*, isso é textual e nos outros livros é perfeitamente inferível.

Em *Os Gêneros do Discurso* a oposição oração/enunciado — em que a primeira seria uma unidade da língua sem existência real e com um determinado valor semântico (a significação) e o segundo uma realização da oração em situações específicas de enunciação cujo valor semântico seria o sentido — também considera um nível abstrato de constituição da língua. Em *O Problema do Texto*, repete-se a dicotomia anterior e ratifica-se as mesmas idéias através da afirmação de que a oração pertence ao sistema da língua e o enunciado é da ordem do dialógico, do irrepetível. Por fim, em *O Discurso no Romance*, a dupla forças centrífugas/forças centrípedas reproduz a unidade teórica com os outros livros.

Feitas essas observações, cabe esclarecer o seguinte: não fiz este longo percurso para reunir argumentos que comprovem um “equivoco autoral” dos textos assinados por Bakhtin que estão em posição de “estranhamento” com o resto de sua teoria. Comprovar (ou não) isso não tem relevância para meus objetivos. Acredito que tive o cuidado de remeter o leitor aos autores que, com a autoridade dada pelo extenso conhecimento biográfico que têm, dedicam-se à problemática da autoria dos textos. Entretanto, não pude tangenciar tal questão, como geralmente é feito, porque meu objetivo de procurar aquilo que é concebido como pertencente ao objeto da lingüística e sua relação com a exterioridade exigia que, ao buscar isso no pensamento do autor, fossem abordados os momentos em que Bakhtin formula esta relação. Obviamente, esses momentos proporcionarão conclusões diferentes conforme sejam vistos. Dessa forma, registro que não utilizei todos os argumentos apresentados na literatura consultada para assumir a perspectiva de que Bakhtin não desconsidera o paradigma saussuriano, mas que o pressupõe para propor a metalingüística.

Isso posto, é chegado o momento de responder à questão formulada, qual seja, *que realidade lingüística é passível de ser analisada teoricamente e qual a relação que mantém com a lingüística*. Em resposta diria que (e isso já é uma forma de encaminhamento para o

DIALOGISMO E ENUNCIÇÃO

item seguinte) a unidade de análise é o enunciado entendido como uma realização lingüística em que está implicado o eixo dialogismo-subjetividade-enunciação (reclamo a liberdade de fazer essa afirmação embora tenha consciência de que isso não foi ainda devidamente explorado aqui). Quanto à relação que mantém com a lingüística considero que é uma relação de pressuposição mútua (bastante ilustrada pela dicotomia oração/enunciado), entretanto, é necessário considerar que o escopo da metalingüística é o excedente da lingüística, ou seja, o eixo dialogismo-subjetividade-enunciação é o excluído do campo da lingüística clássica. Acrescente-se a isso o fato de que Bakhtin concebe a referência ao sujeito como sendo um dos elementos que distingue o enunciado da oração, enquanto que Saussure não trata do sujeito (e isso é sobejamente argumentado pelo próprio Bakhtin). Essa é a conclusão possível de ser formulada a partir da pesquisa feita até então, dizer mais implica em tratar do estatuto desse excluído no contexto da obra de Bakhtin (caso contrário seria mera especulação teórica). É, pois, a isso que estarei dedicado a seguir.

A (inter)subjetividade como fator de dialogismo

O encaminhamento que darei a este item é, tendo em vista o conceito de sujeito presente na teoria, verificar a configuração daquilo que excede à lingüística. Em outras palavras, o ponto de intercessão que apresento é o sujeito. Desse prisma é que penso em encontrar, consequentemente, a noção de diálogo e a de enunciação¹⁷.

Como afirmei antes, são inúmeras as possibilidades de abordagem da teoria bakhtiniana. Martins (1990) faz isso a partir da identificação de alguns dos objetos de reflexão do autor (romance, linguagem, teoria do conhecimento), entretanto, minha sugestão é inverter o procedimento da autora¹⁸, isto é, ao invés de tomar estes objetos como ponto de partida

¹⁷ Como se percebe nos momentos anteriores, aqui também não seguirei uma linha cronológica do estudo da obra de Bakhtin, isso porque não considero necessário tal perspectiva para atingir meus objetivos.

¹⁸ Não cabe ver nessa inversão uma crítica à atitude adotada por Martins (1990). No contexto da investigação da autora é, plenamente, justificado seu encaminhamento o qual proporciona que seja avaliada a teoria de Bakhtin com respeito ao diálogo como uma qualidade da enunciação (no que se configura realmente o trabalho da autora). Isso, inclusive, fundamenta o fato de que objetos como o carnaval, a dialetização, entre outros, não tenham sido considerados por Martins.

VALDIR FLORES

para neles verificar o conceito de sujeito subjacente, proponho buscar o conceito, enquanto base filosófica, para então, caso seja necessário, referi-lo ao objeto propriamente dito. Com isso, estarei descomprometido com a busca de metodologias de análise geralmente diferentes a cada objeto de reflexão¹⁹.

A pluriacentuação da palavra do outro

Qual o estatuto do “outro” na obra de Bakhtin? Responder a essa questão possibilita tratar do tema deste item, qual seja, a pluriacentuação do discurso do “outro” e a constituição da subjetividade como o transcendente da lingüística clássica²⁰.

Bakhtin, em *O Discurso no Romance*, concentrando-se nas diferentes formas e graus de orientação dialógica do discurso (e especificamente do literário), trata da orientação dialógica do discurso para os discursos de outrem:

“(...) todo o discurso concreto (enunciação) encontra aquele objeto para o qual está voltado sempre, por assim dizer, já desacreditado, contestado, avaliado envolvido pela névoa escura ou, pelo contrário, iluminado pelos discursos de outrem que já falaram sobre ele” (Bakhtin, 1988:86).

Com isso, o autor quer enfatizar o aspecto dialógico inerente à linguagem humana. Tudo que é dito não pode ser concebido como uma fala original, pois nele se cruzam o já-dito no/do diálogo social. A concepção do objeto do discurso é um diálogo tecido pelas consciências ideológicas, pela entonação e pelos julgamentos de outrem.

Ao contrário do que se poderia supor, a dialogicidade do discurso transcende a concepção do objeto, pois “ todo discurso é orientado para a resposta e ele não pode esquivar-se à influência profunda do discurso da

¹⁹ Authier-Revuz (1982), embora observe o tratamento dado por Bakhtin ao riso e o plurilingüismo na obra de Rabelais, às formas e gêneros polifônicos, entre outras questões, parece adotar um procedimento mais próximo do meu, já que retira da obra de Bakhtin apenas os elementos que corroborariam suas teses.

²⁰ Como será percebido, o procedimento que adoto para este item é o mesmo dos anteriores, ou seja, a partir da apresentação da leitura das obras de Bakhtin chegar aos conceitos procurados. Assim, penso que respeito o sistema teórico ao qual essas noções pertencem.

DIALOGISMO E ENUNCIÇÃO

resposta antecipada” (p. 89) A enunciação do sujeito, como o que ainda não foi dito, é determinada pela resposta que já está nela contida pelo próprio fato de se constituir na atmosfera do já-dito.

Bakhtin afirma que, embora, composicionalmente, seja no diálogo cotidiano e na retórica onde se percebe o “discurso prenhe de resposta”, também em qualquer discurso se pode perceber a determinação tendo em vista a compreensão da resposta: “a resposta compreensível é a força essencial que participa da formação do discurso e, principalmente, da compreensão ativa, percebendo o discurso como oposição ou reforço e enriquecendo-o” (p. 89)

Bakhtin opõe compreensão ativa à compreensão passiva. A primeira diz respeito ao fato de que o significado lingüístico de uma enunciação somente pode ser conhecido sobre uma língua, mas também sobre as enunciações (opiniões, pontos de vista) concretas a respeito do mesmo tema, assim o diálogo não se dá no acesso direto do objeto pelo locutor, mas no ouvinte como “fundo aperceptivo, prenhe de respostas e objeções”. Assim, toda a compreensão concreta é ativa porque a resposta a ela está ligada; “A compreensão amadurece apenas na resposta. A compreensão e a resposta estão fundidas dialeticamente e reciprocamente condicionadas, sendo impossível uma sem a outra” (p.90)²¹. A orientação da compreensão responsiva ativa diz respeito à orientação para o ouvinte, para o mundo do ouvinte

Em *O Discurso no Romance*, Bakhtin lança as bases de toda a sua teoria literária no quadro do dialogismo, entretanto, como meus objetivos dizem respeito às questões de subjetividade, enunciação e diálogo em um sentido mais amplo, optei por fazer alguns recortes e é por isso que tratarei imediatamente do problema da subjetividade que é bem mais desenvolvido no capítulo que fala da pessoa no romance.

Aqui, Bakhtin diz que a originalidade do gênero romanesco deve-se à pessoa que fala e a seu discurso que, no caso do romance, constitui o seu próprio objeto. Quando trata da transmissão e exame dos discursos de outrem, afirma que a fala constitui-se das palavras de outrem as quais são transmitidas com diferentes graus de parcialidade e precisão. Ora, como a questão do discurso como objeto dele mesmo refere-se

²¹ Quanto à segunda, ficarei limitado a dizer que corresponde ao esquema informacional da comunicação (embora isso não esteja escrito no livro, mas é possível lembrar de Jakobson) irrelevante para meus objetivos, já que nela não há relação entre sujeitos, mas entre “identificadores” de um código.

VALDIR FLORES

diretamente ao sujeito que fala, Bakhtin é levado a estender sua discussão para os domínios do significado e da subjetividade, porque se as formas de transmissão do discurso de outrem, exteriores ao romance, não tiverem uma orientação determinante sobre a imagem da linguagem é porque elas também podem aparecer no romance. É essa problematização que me interessa. *Como se constitui a subjetividade e o significado para além do romance, nos quadros de uma teoria dialógica geral?*

O autor considera que no diálogo cotidiano é comum a referência ao discurso de outrem, seja através de um “diz” ou de um “dizem”, ou seja:

“a todo instante se encontra nas conversas ‘uma citação’ ou ‘uma referência’ àquilo que disse uma determinada pessoa, ao que ‘se diz’ ou àquilo que ‘todos dizem’, às palavras de um interlocutor, às nossas próprias palavras anteriormente ditas, a um jornal, a um decreto, a um documento, a um livro, Tc...” (Bakhtin, 1988:140).

Fica claro que não se trata apenas de formalização sintática (discurso direto e indireto), embora seja o mais comum na modalidade escrita, mas de *objeto de transmissão interessada* do discurso de outrem. Os procedimentos para isso são inúmeros, tanto no que tange à estilização literária como:

“no que concerne aos procedimentos do enquadramento interpretativo, de sua reconsideração e de sua re-acentuação — desde a literariedade direta na transmissão até a deformação paródica premeditada da palavra de outrem e sua deturpação” (Bakhtin, 1988:140).

Bakhtin observa que mesmo que se queira ser o mais preciso possível, na transmissão do discurso de outrem em um outro contexto, sempre ocorrem mudanças de significado é por isso que o estudo das diversas formas de transmissão do discurso de outrem deve ser concomitante ao estudo de seu enquadramento contextual. O autor opera uma distinção entre palavra autoritária e palavra interiormente persuasiva. A palavra autoritária não é mais o discurso de outrem enquanto qualidade formal, mas é a base ideológica do comportamento do homem e de sua relação com o mundo, para ela não há a exigência de um reconhecimento, mas sua imposição ao sujeito (é o caso da palavra

DIALOGISMO E ENUNCIÇÃO

dogmático-religiosa, moral, ética), ela não se representa, apenas se transmite. A palavra interiormente persuasiva é constitutiva da noção de ouvinte-leitor compreensivo “(...) implica uma concepção singular do ouvinte, seu fundo aperceptivo, um certo grau de responsabilidade e uma certa distância” (p.146).

Como síntese do que foi até agora exposto, aqui vão as próprias palavras de Bakhtin:

“Com base no que foi dito, pode-se afirmar que na composição de quase todo enunciado do homem social — desde a curta réplica do diálogo familiar até as grandes obras verbal-ideológicas (literárias, científicas e outras) existe, numa forma aberta ou velada, uma parte considerável de palavras significativas de outrem, transmitidas por um ou outro processo. No campo de quase todo enunciado ocorre uma interação tensa e um conflito entre sua palavra e a de outrem, um processo de delimitação ou de esclarecimento dialógico mútuo (...)” (Bakhtin, 1988:153)

Quando Bakhtin, em *Problemas da Poética de Dostoiévski*, fala de relações dialógicas não está restringindo esta concepção à aritmética do termo diálogo. Para ele até mesmo uma palavra pode ser dialógica se nela se perceber a voz do outro, “por isto, as relações dialógicas podem penetrar no âmago do enunciado, inclusive no íntimo de uma palavra isolada se nela se chocam dialogicamente duas vozes (p. 160). Soma-se a isso ainda, o diálogo entre diferentes estilos, dialetos e, finalmente, entre signos de outra natureza que não a lingüística²².

No estudo da paródia, da estilização e do diálogo, Bakhtin formula um princípio comum a todos eles que é o fato de que o discurso opera uma dupla relação: sobre o objeto de discurso e para o discurso de um outro. O que significa isso no contexto teórico do autor? Ora, para ele, essa dupla orientação da palavra é determinante de um tipo específico de discurso o qual só pode ser contemplado por uma teoria que não veja a língua de forma monológica²³.

²² Nessa última observação percebe-se uma ampliação das possibilidades analíticas da proposta de Bakhtin para o campo semiótico que, entretanto, não chega a ser desenvolvido, neste momento.

²³ Bakhtin opera uma tipologia de discursos que estão sob o princípio geral da dupla orientação, bem como sob suas possibilidades de combinação. Para os objetivos que tenho, não penso que seja necessário recorrer a toda tipologia (já que o esquema de Bakhtin é suficientemente didático para se auto-apresentar), mas a determinadas

VALDIR FLORES

Quando Bakhtin introduz a tipologia dos discursos orientados para o discurso do outro (discurso bivocal), textualmente diz:

“um autor pode usar o discurso de um outro para os seus fins pelo mesmo caminho que imprime nova orientação significativa ao discurso que já tem sua própria orientação e a conserva. Neste caso, esse discurso, conforme a tarefa, deve ser sentido como o de um outro. Em um só discurso ocorrem duas orientações significativas, duas vozes” (Bakhtin, 1981:164).

Disso conclui-se que o que o autor chama de orientação significativa pode ser entendida como uma nova perspectiva que se dá sobre a anterior. Essa mudança enfatiza a bivocalidade ao mesmo tempo que afirma um sujeito que opera essa mudança significativa. Conciliar essa noção de mudança significativa com a de sujeito constituído na alteridade é possível quando se concebe que o sujeito se constitui pelo reconhecimento nos termos de um espelhamento direto.

Quando o autor fala da transmissão da palavra do outro com variação no acento diz que: “As palavras do outro, introduzidas na nossa fala, são revestidas inevitavelmente de algo novo, da nossa compreensão e da nossa avaliação, isto é, tornam-se bivocais” (p. 169).

A análise empreendida por Bakhtin é, de certa forma, nebulosa aos olhos de um lingüista, dada a ausência de critérios propriamente lingüístico de determinação do ponto de vista de análise (Bakhtin fala de uso das palavras do outro), entretanto, vale ressaltar algumas passagens de *Problemas da Poética de Dostoiévski* em que se percebe de que fala o filósofo quando usa a expressão “olhar do outro”. Trata-se, na verdade, de uma determinação de vozes sociais atribuídas a um outro que não o autor do texto e que determinam a forma final do texto. A afirmação de que:

“a própria orientação do homem em relação ao discurso do outro e à consciência do outro é essencialmente o tema fundamental de todas as obras de Dostoiévski. A atitude do locutor face a si mesmo é inseparável da atitude do outro em relação a ele. A consciência de si mesmo fá-lo sentir-se constantemente no fundo da consciência que o outro tem dele, o ‘o eu para si’ no fundo do ‘o eu para o ‘outro’ ” (Bakhtin, 1981:180)

características desses discursos é o que será feito a seguir

DIALOGISMO E ENUNCIÇÃO

é ilustrativa de que as vozes constituem a consciência do sujeito, o qual produz a partir do discurso do outro, com o discurso do outro e para o outro. Na voz do Eu penetra a consciência que o outro tem dele. Isso é a constituição do sujeito na auto-enunciação pelo discurso do outro.

Em *Os Gêneros do Discurso*, Bakhtin explica que a atitude responsiva ativa é o fato de um ouvinte não se comportar apenas como um decodificador da língua, mas de adotar em relação ao dito uma atitude de concordância (ou não), complexificando o que é enunciado. Tal atitude deve-se a um processo de compreensão “prenhe de resposta” que é considerado pelo interlocutor na ação lingüística, assim, “A compreensão responsiva nada mais é senão a fase inicial e preparatória para uma resposta (...). O desejo de tornar seu discurso inteligível é apenas um elemento abstrato da intenção discursiva em seu todo” (p. 291). O gênero não pode ser visto como uma forma da língua, mas como uma forma do enunciado que, de acordo com a esfera em que é produzido adquire um determinado estatuto. Assim, vejo ratificada a tese do dialogismo em torno do problema do estilo e dos gêneros, ou como diria Bakhtin:

“O objeto do discurso de um locutor, seja ele qual for, não é objeto do discurso pela primeira vez neste enunciado, e este locutor não é o primeiro a falar dele. O objeto, por assim dizer, já foi falado, controvertido, esclarecido e julgado de diversas maneiras, é o lugar onde se cruzam, se encontram e se separam diferentes pontos de vista, visões do mundo, tendências” (Bakhtin, 1992:319)

Em *O Problema do Texto*, Bakhtin elabora os fundamentos que caracterizam as ciências humanas em relação às ciências naturais. Para ele, nas ciências humanas o interesse recai sobre “a história do pensamento orientada para o pensamento, o sentido o significado do outro, que se manifestam e se apresentam somente em forma de texto” (p. 330), enquanto que nas ciências naturais trata-se de estudar o homem independentemente da produção textual.

Na verdade, o que se tem é uma teoria da intertextualidade dada a partir da distinção entre método e objeto das duas grandes áreas do conhecimento. O texto constitui aquilo a que chamamos de ciências humanas, ou seja, o conhecimento se dá sobre um objeto que já é, ele mesmo, um objeto. Assim, nas humanas, o saber é sempre dialógico porque é um saber que se dá sobre um outro. Nas ciências naturais, ao

VALDIR FLORES

contrário, existe um sujeito do conhecimento que pensa conhecer o próprio objeto de maneira objetiva. Desse ponto de vista, seu discurso é monológico porque sobre uma realidade objetiva.

Bakhtin propõe, assim, o termo compreensão para designar o processo de construção do saber nas ciências humanas, enquanto que o termo conhecimento ficaria restrito ao processo de saber monológico das ciências naturais.

Isso leva Bakhtin a questionar sobre a possibilidade de se fazer ciência sobre o individual: “Coloca-se o problema de saber se a ciência pode tratar de uma individualidade tão absolutamente irreproduzível como o enunciado, que estaria fora do âmbito em que opera o conhecimento científico propenso à generalização” (p.335). A essa objeção, ele responde que a ciência, às vezes, esquece que seu ponto de partida são as singularidades irreproduzíveis e que, por outro lado, a filosofia deve, necessariamente, estudar a forma específica dessas singularidades.

Nessa perspectiva, se ratifica a idéia de que todo o ato de compreensão “é prenhe de resposta” e implica uma resposta. Ora, esse é o objeto da “metalingüística”, que transcende o diálogo das réplicas cotidianas. A língua, enquanto fato social que é, admite para todo enunciado um direcionamento, isto é, o fato de orientar-se sempre para um *outro*. Essa é a condição de existência de um enunciado. O diálogo não se efetiva entre seres abstratos da linguagem, mas entre pessoas.

Nesse ponto, chega-se naquilo que considero uma veia importante da teoria de Bakhtin, ou seja, o fato de que todo enunciado tem um destinatário. Ele pode ser a segunda pessoa do diálogo e, nesse caso, o ato de fala está orientado pela compreensão responsiva desse segundo. Soma-se a ele, o terceiro, ou aquele a que Bakhtin chama de destinatário superior, aquele que antecipa a compreensão, numa ordem metafísica. Existe o terceiro porque existe uma responsividade entre cultura e sujeito.

Como justificar a inclusão do terceiro em uma teoria do diálogo? Bakhtin responderia a esta questão negando que um discurso possa ser julgado pelo livre arbítrio de um destinatário próximo. É assim que se justifica uma instância superior que, com diferentes níveis de consciência que dele se possa ter, determina a compreensão. Cada diálogo se efetua de acordo com a compreensão-resposta do terceiro que se efetiva no diálogo de forma não-aritmética, mas que dá existência ao diálogo.

DIALOGISMO E ENUNCIÇÃO

Bakhtin, para evitar que se veja no terceiro o absoluto místico, diz que a palavra por sua natureza dialógica “sempre quer ser ouvida, busca a compreensão responsiva, não se detém numa compreensão que se efetua no imediato e impele sempre mais adiante (de um modo ilimitado)” (p. 356). Assim, o autor propõe uma desatomização para a significação, isto é, a permanente alteração da palavra no conjunto das transformações da cultura.

Pluriacentuação, interlocução e intersubjetividade

Com a leitura que acabei de apresentar explicitarei alguns fundamentos para elaborar um ponto de vista sobre a exterioridade lingüística. O sujeito, em Bakhtin, é um conceito que está ligado a outras concepções e aos objetos de reflexão do autor. Em cada caso, percebe-se que a relação de diferença básica entre a lingüística e a metalingüística permanece sendo a questão do sujeito. Como não fiz uma resenha do pensamento de Bakhtin que possibilite falar dos diferentes objetos sobre os quais trabalha também não tratarei dessas concepções. Entretanto, cabe dizer que tanto nos textos dirigidos à literatura como naqueles dirigidos à teoria do conhecimento e da linguagem está presente a idéia de um sujeito que somente tem existência quando contemplado na intersubjetividade. Resumidamente, diria que a pluriacentuação do discurso é um fator de interlocução no qual o sujeito se constitui intersubjetivamente.

Ora, não existe um objeto de discurso que já não seja diálogo, pois não há uma fala original. No dito coexiste o já-dito. O sujeito enquanto autoconsciência, dada a partir do reconhecimento do outro, se dá sobre o discurso em cujo enunciado está contida uma resposta, ele é *prenhe de resposta*.

A idéia de compreensão ativa é particularmente ilustrativa. Ela é sempre um significado lingüístico de uma enunciação sobre a língua e sobre um já-dito. A transmissão da palavra de outrem, enquanto objeto de transmissão interessada, é sempre parcial. Nesse sentido, se até uma palavra é dialógica é porque contém a voz do outro e, conseqüentemente, o diálogo passa a ser bem mais do que uma simples contraposição aritmética de vozes. O discurso possui uma dupla relação: com o outro objeto e com o discurso de um outro. Isso é a orientação significativa do outro discurso no discurso do sujeito.

VALDIR FLORES

Ratifico o que disse ante, ou seja, que a atitude de um locutor para consigo é inseparável da atitude para com o outro e desse em relação a ele. A consciência de si é sempre presente na consciência que o outro tem do locutor. O “eu para si” que subjaz o “eu para o outro” é, na verdade, a tese de que as vozes que constituem a consciência do sujeito, esse, por sua vez, fala a partir do discurso do outro, com o discurso do outro e para o discurso do outro. Na voz do sujeito está a consciência que o outro tem dele.

Em Bakhtin, o sujeito é uma autoconsciência que reflexivamente se constitui pelo reconhecimento do outro, no discurso. Assim, o título dado a este item sintetiza, exatamente, a interpretação que fiz sobre Bakhtin, isto é, a pluriacentuação e a interlocução são os grandes momentos em que se pode pensar uma subjetividade porque o sujeito é a consciência constituída no diálogo. Mas a subjetividade é antes de tudo intersubjetividade porque é na relação com o outro que o sujeito se reconhece enquanto tal, que adquire consciência de si mesmo.

O outro é o terceiro. Com isso quero dizer que além do destinatário de um ato de fala existe um terceiro elemento que mediatiza a compreensão de tudo que é dito. É essa instância superior que determina a compreensão. Cada diálogo acontece de acordo com a compreensão-resposta do terceiro que, no diálogo, tem uma forma não-aritmética, mas que dá existência ao diálogo. A palavra é sempre também palavra do outro.

EM BUSCA DE UMA INTERPRETAÇÃO SOBRE O DIALOGISMO E SUA PERTINÊNCIA AO LINGÜÍSTICO

A partir de agora, estarei interessado em propor uma forma de ver o *excedente* da lingüística como elemento pertinente para a lingüística. Tudo que apresentei foi uma interpretação das idéias bakhtinianas que podem contribuir para isso. O encaminhamento será reinterpretar essa teoria para incluí-la em uma perspectiva enunciativo-lingüística.

Vale ressaltar que a consciência, enquanto intersubjetividade, deve ser vista na realidade comunicativa, porque só na comunicação efetiva é que o “eu” se reconhece como alteridade²⁴. Entretanto, o sujeito que aí

²⁴ Essa interpretação deve ser remetida a Martins (1990), diz a autora: “A comunicação, enquanto relação de alteridade, costuidora do “eu” pelo reconhecimento do “tu” é (...) o

DIALOGISMO E ENUNCIÇÃO

tem lugar não é aquele da unilateralidade comunicativa, mas um sujeito que é dialogizado internamente porque no sujeito e seu discurso são constituídos intersubjetivamente. Ora, que todo o discurso dirige-se a um interlocutor é uma obviedade sobre a qual não vale a pena se deter. Na teoria de Bakhtin, a questão mais transcendente diz respeito a uma possibilidade de não simetrização do sujeito, ou nos termos do autor, diz respeito a uma relação que não é de forma alguma aritmética.

A teoria de Bakhtin problematiza a produção do discurso já que a compreensão está contida no próprio processo de produção. A duplicidade do dialogismo está no fato de que todo o discurso constitui-se como uma antecipação compreensiva que é dada por um outro da interlocução, mas também um *outro* (o terceiro) que fala no sujeito. Eis o superdestinatário.

Não penso, a partir dessas interpretações, em aproximar, ao menos não neste momento, o terceiro e o duplo dialogismo tal como os defini dentro do sistema bakhtiniano do decentramento tratado pela psicanálise, já que o não-sentido que se semantiza na cadeia significante, como entende Lacan, não é contemplado por Bakhtin. Este, por sua vez, trata de sentidos historicamente construídos²⁵. O inconsciente é um ausente da teoria de Bakhtin.

Resta, no entanto, sublinhar a pertinência de uma perspectiva exterior à lingüística, como a dialógica, que questiona a interioridade da lingüística clássica.. Soma-se a isso o fato de que a teoria de Bakhtin é uma teoria da linguagem, mas de uma linguagem que não é vista em separado do sujeito porque nele tem papel constitutivo.

Parece procedente afirmar que a teoria do sujeito, em Bakhtin, trata de uma não-simetrização e nada autoriza que se veja nela uma concepção cooperativa ou interacionista do sujeito²⁶. O *outro* do qual fala

núcleo a partir do qual Bakhtin constrói o princípio do dialogismo...”(p.18) e acrescenta: “a comunicação é não só indissociável da noção de diálogo, como coloca no centro da investigação o problema da intersubjetividade”(p.18).

²⁵ Tive acesso a um livro, cuja autoria é atribuída a Voloschinov, que dirige-se especialmente à psicanálise, *Freudianism: a Marxist Critique*, entretanto, a crítica de que o equívoco da psicanálise estaria em admitir um lugar de inacessibilidade da ideologia, o inconsciente, parece ser feita de forma superficial, com grandes possibilidades de soar como situacionalmente engajada. Como a questão da autoria mais uma vez se coloca, em relação a este livro, suponho que nele não são esgotadas as possibilidades de articulação entre o dialogismo e a psicanálise.

²⁶ Concordo, pois, com Authier-Revuz, em seu recente *Ces Mots qui ne Vont Pas de Noi*:

VALDIR FLORES

Bakhtin é condição do próprio discurso porque não identificado nem com um interlocutor físico, nem com o objeto do discurso.

Em termos de encaminhamento, diria que minha reflexão sobre Bakhtin parece sustentar as afirmações apresentadas no início deste trabalho, ou seja, ao sustentar uma leitura que vê o sujeito em um quadro não-simétrico — relação essa percebida entre sujeitos concebidos intersubjetivamente pela intervenção de um terceiro sob forma de um discurso “prenhe de resposta” — sustenta-se a hipótese de uma exterioridade da ciência lingüística — autorizada pela dicotomia metalingüística/lingüística. O dialogismo acena, concomitantemente, para um atravessamento de outros discursos, para um atravessamento constitutivo da própria língua, realizável por um jogo fronteiro. Acena, também para um atravessamento do sujeito dado pela alteridade da interlocução. Disso, resta ainda perguntar: como a lingüística, em uma perspectiva enunciativa, deve contemplar esses atravessamentos?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUTHIER-REVUZ, J. “Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l’autre dans le discours”. *DRLAV 26*, Paris: Centre de recherche de l’université de Paris VIII, 1982.
- _____. “La non-coïncidence interlocutive et ses reflets méta-énonciatifs”. In: BERRENDONER, A & PARRET, H. (org.). *L’interaction Communicative*. Beme/Paris: Peter Lang, 1990b.
- _____. *Ces Mots Qui ne Vont Pas de Soi: boucles réflexives et non-coïncidences du dire*. (Vol. I e II). Paris: Larrouse, 1995.
- BAKHTIN, M. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. RJ: Forense-Universitária, 1981.
- _____. “O Problema do Texto”. In: *Estética da Criação Verbal*. SP: Martins Fontes, 1992. p. 327-358.
- _____. “Os gêneros do Discurso”. In: *Estética da Criação Verbal*. SP: Martins Fontes, 1992. p. 277-326.
- _____. *Questões de Estética e Literatura: a teoria do romance*. SP:

boucles réflexives et non-coïncidences du dire (1995), que por mais elástico que seja o termo “pragmática”, seu emprego com relação a Bakhtin é impróprio. Crítica essa feita sobre o prefácio de Todorov, presente na edição brasileira de *Estética da Criação Verbal*.

DIALOGISMO E ENUNCIÇÃO

- HUCITEC, 1988.
- _____. (Voloschinov). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. SP: HUCITEC, 1988.
- CLARK, K. & HOLQUIST, M. *Mikhail Bakhtin*. Cambridge: Harvard University Press, 1984.
- FLORES, V. *Subjetividade e Enunciação: as formas do discurso indireto e a hipótese de uma semântica metaenunciativa*. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1997. (Tese de Doutorado).
- MARTINS, E. J. *Enunciação e Diálogo*. SP: Editora da UNICAMP, 1990.
- MORSON, G. S. & EMERSOM, C (ed.). *Rethinking Bakhtin: Extensions and Challenges*. Evanston, III: Northwestern University Press, 1989.
- _____. & EMERSOM, C. *Mikhail Bakhtin: creation of a prosaics*. Stanford, Ca: stanford University Press, 1990.
- TODOROV, T. *Mikhail Bakhtine: le principe dialogique*. Paris: Seuil, 1981.
- VOGT, C. *Linguagem, Pragmática e Ideologia*. SP: HUCITEC, 1980.